

A RESENHA ACADÊMICA SOB DIFERENTES HISTÓRIAS DE LETRAMENTO

Marina Martins Pinchemel Amorim^{1*}, Márcia Helena de Melo Pereira²

1. Estudante de IC Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

2. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UESB/Orientadora.

Resumo:

Diversas pesquisas linguísticas observam a resenha acadêmica sob vários aspectos, porém com análises feitas a partir do produto final dos textos. Nesta pesquisa, propomo-nos a investigar o processo de construção de dois textos, tendo por base o registro processual de duas resenhas acadêmicas escritas por duas duplas de estudantes da UESB, sendo uma do curso de bacharelado em Ciências da Computação, e outra do curso de licenciatura em Letras. Elegemos como tema o curta-metragem em animação, *Vida Maria* (2006). Por meio das transcrições das conversas mantidas pelas duplas durante a elaboração dos textos e entrevistas posteriores feitas com as mesmas a respeito das operações de reescrita que realizaram, indagamos, neste trabalho, como se dá o contato de cada dupla com o gênero resenha e as diferenças e semelhanças desses sujeitos em relação à sua apreensão, uma vez que fazem parte de cursos de graduação diferentes e possuem realidades de letramento também diferentes.

Autorização legal: Esta pesquisa tem aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o número 06124812.0.0000.0055.

Palavras-chave: gênero; resenha; processo textual.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UESB.

Introdução:

Neste trabalho, olhamos para a produção escrita como resultado de um trabalho de construção, operado em uma dimensão temporal que inclui esboços, plano do texto, composição, até chegar às correções finais. Investigando dados processuais, como os que propomos, podemos penetrar na origem de um texto e lançar mão de descrições processuais, além das descrições de categorias descritivas das estruturas, globais ou locais, ajudando a comunicar a linguística a compreender melhor a relação sujeito-linguagem. Nosso propósito foi investigar um gênero muito usual no meio acadêmico, a resenha, mas do ponto de vista de sua criação, de sua gênese. Para termos acesso a esse procedimento de construção dos textos que analisamos, fizemos a opção pela escrita conjunta, para que pudéssemos gravar a conversa que cada dupla manteria entre si durante a elaboração dos textos. Com esta gravação, teríamos acesso às dúvidas que tiveram, às escolhas linguísticas que empreenderam, etc. Uma semana após a elaboração dos textos, fizemos uma entrevista com as duplas, questionando-as a respeito das operações de reescrita que realizaram. Para organizarmos nossos dados, fizemos uso dos recursos teórico-metodológicos da Crítica Genética, uma área da literatura que dá ao texto a perspectiva do processo. Também utilizamos o esquema de escritura proposto por Flower e Hayers (1981), modelo que descreve detalhadamente as diferentes operações intelectuais que realiza um escrevente para elaborar um texto. No que se refere ao conceito de gênero, adotamos a abordagem sociointeracionista de Mikhail Bakhtin (1997). Nosso propósito, nesta investigação, é: tendo por base dados processuais da escrita de duas resenhas

acadêmicas escritas por duas duplas de estudantes universitários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sendo uma dupla do curso de Ciências da Computação e outra dupla do curso de Letras Vernáculas, pretendemos investigar se o fato de as duplas pertencerem a cursos diferentes promovem diferenças em relação a apreensão do gênero textual resenha acadêmica. Com esses dados será possível identificar, também, o que essas duplas em específico expressaram sobre a configuração textual do gênero e quais recursos linguísticos utilizaram para sua realização, ajudando-nos a compreender melhor a relação do sujeito com a linguagem e com o gênero.

Metodologia:

Não é tarefa fácil registrar dados processuais. Para termos acesso ao processo de construção de nossos textos, adotamos alguns procedimentos metodológicos. Inicialmente, fizemos a opção pela escrita conjunta, para que pudéssemos gravar a conversa que a dupla manteria entre si durante a elaboração dos textos. Com esta gravação, teríamos acesso às dúvidas que tiveram, às escolhas linguísticas que empreenderam, etc. Também, poderíamos considerar as reformulações orais feitas por esses estudantes como uma espécie de reescrituração não textualizada. Elegemos duas duplas de estudantes: uma do curso de Letras Modernas e outra do curso de Ciências da Computação, ambas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, por pertencerem a área de atuação diferentes. Escolhemos como tema para a elaboração da resenha o curta-metragem *Vida Maria*, dirigido por Márcio Ramos, e que foi o ganhador de um Prêmio no Ceará de cinema e vídeo. As duplas, então, deveriam assistir ao vídeo, que tem duração de 8 minutos e 30 segundos, e escrever suas resenhas, mas a pesquisa requeria algumas particularidades, explicitadas a seguir, quais sejam: a resenha deveria ter duas versões. Na primeira, as operações de reescrita que fizessem nele deveriam permanecer. Em seguida, passariam o texto a limpo, sem essas operações. Precisávamos comparar a duas versões. Como dissemos, gravamos em áudio toda a conversa que os estudantes mantiveram a respeito do texto com a

intenção de analisar essa conversa em busca de episódios que nos chamaram a atenção para que pudéssemos, em outro momento, questionar os estudantes a respeito das operações de reescrita que realizaram. Na etapa seguinte, ouvimos as gravações em áudio e pontuamos todos os episódios de reescrita encontrados, com base nas duas versões de cada texto. Uma semana após a elaboração dos textos, fizemos uma entrevista com as duplas, questionando-as a respeito das operações de reescrita que realizaram. Sendo assim, os próprios estudantes nos disseram por que apagaram, por que substituíram e assim por diante. Portanto, o texto pronto, o rascunho e as duas gravações em áudio foram nossos dados processuais. Com esse material em mãos, também foi possível apreender em que ordem os estudantes escreveram os textos. Por último, transcrevemos todas as quatro gravações, para facilitar o trabalho de análise dos dados. Portanto, dispomos de um vasto material sobre o qual vários olhares linguísticos podem ser lançados.

Resultados e Discussão:

A análise dos dados processuais revelou que peculiaridades dos cursos que os escreventes faziam aparecem em vários momentos durante o processo de construção da resenha, sendo estes fatores que conseguem diferenciar as duas duplas. Enquanto a dupla de Letras (G e D) inicia o texto fazendo um esquema do que será abordado e levantando aspectos sobre o gênero resenha crítica, a dupla de Ciências da Computação (M e ML), primeiramente, discute aspectos gráficos do curta-metragem.

D (Letras): Bom, todo texto que eu vou fazer, eu faço um esqueminha do que eu vou abordar no texto.

M (Ciências da Computação): Bom, primeiro a gente tem que... Como a gente é de computação, primeiro a gente tem que analisar a arte gráfica, (risos).

Durante a entrevista realizada com os alunos, eles foram questionados a respeito desses comentários tecidos na elaboração da

resenha. D, do curso de Letras, explica sobre o esquema para escrever os textos, revelando um cuidado com a estrutura: “Eu, eu gosto de fazer um esquemazinho de como vai ser o meu texto, como vai se estruturar o meu texto. Aí, depois das leituras, depois da revisão, no caso, de assistir ao vídeo né? Aí, eu vou só preenchendo os espaços, e aí, de acordo vai ficando bom ou não, eu vou mudando esse esquema. Então, assim, de início eu gosto de fazer estruturado, como que vai compor o meu texto”. Como sabemos, uma das medidas necessárias para a escrita de um bom texto é fazer um planejamento prévio dele e a dupla de Letras, que lida frequentemente com o texto escrito, sabe disso.

Em outros momentos da conversa, a área na qual os estudantes estão inseridos voltam a aparecer, como no excerto a seguir, no qual a dupla do curso de Ciências da Computação procura descrever o gráfico e as cores da animação.

ML: Trata-se de uma animação...
M: De uma animação...
ML: Que com seus gráficos...
M: E cores.
ML: Fortes, transmitem...
M: Cores escuras, fortes.
[...]
ML: Cores fortes indicam seca.
M: Mas num é, o nome não é forte não, né?
[...]
ML: Cores fortes, de tons avermelhados.

M justifica, na entrevista feita pelo pesquisador, a atenção dada aos tons da animação pelo fato de pesquisar sobre isso: “[...] eu trabalho analisando designer de sites, então, a gente analisa cor, a gente coloca fundo azul na tela, porque ele, como se fosse, como se saísse mais luz, então, pro olho ficar mais agradável. Eu estudo isso, eu trabalho com isso, então, quando a gente vai analisar a gente percebe que os tons eram mais escuros, aí a gente fez a observação”. Mais uma vez, a área de atuação dos escreventes está bastante presente. Os alunos de Letras discutiram o planejamento do texto, enquanto os alunos de Ciências da Computação atentaram-se para aspectos da arte gráfica do

curta-metragem, revelando um detalhe que dificilmente seria levado em consideração pelos alunos de Letras.

Já na transcrição do diálogo a seguir, o estudante G, do curso de Letras, demonstra se preocupar com uma importante característica da resenha: recomendar (ou não) a obra analisada para o público:

G: Não. Primeiro: Vida Maria é um curta metragem, produzido por Márcio Ramos... Poxa! Eu queria colocar o tempo primeiro... É um curta metragem de cerca de tantos minutos, produzido por fulano, entendeu?
D: Ó, coloca assim, é o vídeo vi... Vida Maria em ce, em aproximadamente oito minutos, conta a história de não sei que, não sei o que, aí a gente pode por...
G: No próximo, depois. É porque eu tô pensando na questão da resenha, entendeu? Como fazer a pessoa assistir ao vídeo.

Fazer a recomendação da obra resenhada é uma característica que nem sempre aparece de maneira explícita no texto. Os alunos de Letras revelam conhecer essa nuance específica desse gênero discursivo.

Outra particularidade referente ao curso de licenciatura surge no momento da entrevista, quando a dupla discute o processo de alfabetização, ao falar de sua importância para pessoas que têm pouco acesso à educação. Sobre isso, eles comentam que “aprender a desenhar o nome” é uma grande conquista para esses cidadãos. Nessa perspectiva, D levanta uma discussão sobre o letramento, que vai além de saber ler e escrever. A estudante diz: “Tanto que, só agora o governo tá mudando os níveis de letramento, os níveis de alfabetização. Porque, antigamente, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que sabiam escrever o nome né?”. O termo “letramento” desperta a atenção por ser bastante particular da licenciatura e bem voltado para o curso de Letras. Além disso, essa mesma discussão não surge na conversa com os estudantes de Ciências da Computação, o que sustenta essa hipótese.

Conclusões:

De acordo com Bakhtin (1997), existem várias esferas da atividade humana. A esfera acadêmica é uma delas. As duas duplas investigadas, neste trabalho, pertencem a cursos de graduação diferentes e nossos dados processuais mostraram que a área a que pertencem promove diferenças em relação à apreensão do gênero resenha, pois cada dupla revelou particulares bem específicas de sua área de atuação, no texto que escreveram. Podemos concluir que resenhas elaboradas pela área de Letras tendem a focalizar aspectos que interessem à área. Igual fenômeno ocorreu com a área de Computação, revelando uma tendência.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. [1952-3] (1997).

BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: PERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para**

a análise literária. São Paulo: Martins Fontes, p. 01-44, 1997.

FLOWER, L; HAYES, J. R. **A cognitive process theory of writing**. In: College Composition and Communication, v. 32, p. 365-387, 1981.

MELO, Márcia Helena de. **Apropriação de um gênero: um olhar para a gênese de texto no Ensino Médio**. Dissertação de Mestrado, Campinas: IEL/ Unicamp, 2000.

MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica Genética: uma (nova) introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

Vida Maria. Direção: Márcio Ramos. Produção: Ceará, 2006. 1 filme (9 min), 35 mm, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k-A-g-BfGrI>>. Acesso em 17 fev. 2017.